

PORTFÓLIO

Cacildinha Produções

[PRODUTORA CULTURAL]



Deus Ateu O site Deus Ateu é uma plataforma digital que se relaciona com os mais diversos campos da cultura

Antes de Mim no Fundo – por Marcio Tito

Publicado em 13 de outubro de 2025 | 13 de outubro de 2025



O raro exemplo de um espetáculo que teve seu processo criativo muitíssimo bem compartilhado entre cada uma das áreas • @deus.ateu

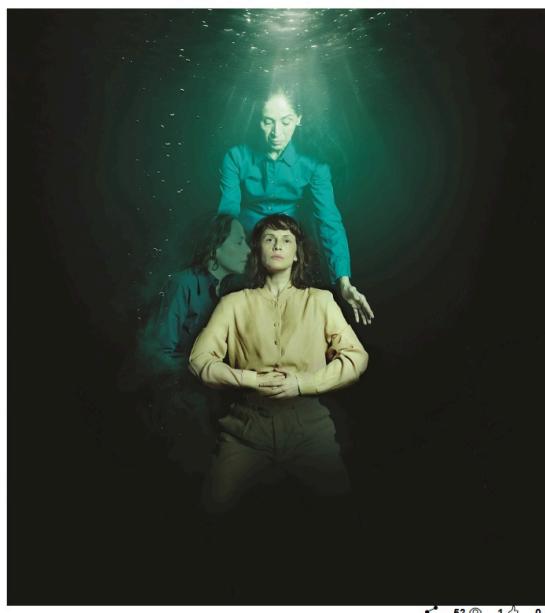
Por Marcio Tito – por Marcio Tito • @marciotitop

Com obstinada decisão formal e qualidade técnica equivalente, o espetáculo mantém como principal operação narrativa a voz da dramaturgia, encenando o que afirma uma rigorosa partitura de ações que investiga e abandona imagens, visita e agrupa atmosferas, define e redefine texturas. Também surgem planos de fundo e objetivos cifrados entre trechos objetivos e versos cujos interiores aparecem menos preenchidos pela força do enredo e sempre quase sufocantemente abastecidos por figuras de linguagem. Adiante, a produção aposta em certa sinestesia poética interessada na construção de uma paisagem cênica entre a sombra e a revelação, e apresenta perfeita coesão dos procedimentos criativos ao apontar cada uma das áreas ao centro de um mesmo alvo, capturando, sem maiores esforços, uma resoluta coerência dotada de bastante identidade e, ainda assim, capaz de arregimentar diversas outras referências emanadas por montagens que, outrora, apostaram em expedientes similares. Também exige destaque a qualidade do elenco, que tem como importante medidor o equilíbrio entre as atuações, com especial luminura emanada pelos recursos extraídos do trabalho de voz, cuja textura, de modo geral, parece reunir os mais diversos objetivos do material, realizando certa disposição geométrica da encenação e transmutando as densas fibras do texto em vocalizações cheias de presença e potência.

Contudo, embora a montagem tenha o texto, a voz e a dramaturgia como camadas pujantes, ditando quase ritmicamente as estruturas ao redor, como presença maior, aparece a importante e imagética trilha sonora, qualitativamente narrativa, coesa e enraizada junto ao mistério que escapa de cada um dos fraseados cênicos do espetáculo. Deixando como última elaboração um sentimento que pode ser nomeado como um imenso e desesperado vazio vertido em águas profundas, o espetáculo, da luz ao som, do cenário ao texto e passando pelo elenco, parece, de fato, realizar com boas soluções tudo o que, imagino, um dia foi projeto e, hoje, aparece como realização e plena e poderosa.



Memórias submersas



Lais Marques, Mariana Muniz e Daniela Schitini em "Antes de mim no fundo", com direção de Clara Carvalho
11 - outubro - 2025 | Texto de: Bob Sousa| Fotografia: Bob Sousa

O espetáculo *Antes de Mim no Fundo*, idealizado por Lais Marques e Daniela Schitini, com direção de Clara Carvalho e dramaturgia de Schitini, apresenta uma sofisticada investigação visual e simbólica sobre o feminino, a ancestralidade e a memória. Em cena, o corpo de uma mulher em coma torna-se passagem entre tempos e existências, convocando presenças de suas antepassadas em um mergulho poético nas águas da lembrança e da cura.

A visualidade da obra é construída a partir de uma atmosfera líquida e onírica, onde luz, corpo e som se entrelaçam como camadas de um mesmo fluxo. A cenografia minimalista de Evas Carretero, composta por uma cama e algumas cadeiras de ferro, traduz de modo simbólico o espaço da memória e da espera. Esses elementos, aparentemente simples, transformam-se ao longo da encenação, servindo tanto como leito hospitalar quanto como território do inconsciente, como se a matéria cénica se moldasse ao movimento interior da protagonista.

A luz, desenhada por Wagner Pinto, atua como camada dramaturgica fundamental. Não apenas ilumina, mas escreve junto com o texto e o corpo. Ela desenha o fluxo entre o sonho e a realidade, revelando ou ocultando presenças, construindo atmosferas que se movem como a própria água que inspira a encenação. Em certos momentos, a penumbra envolve a cena e transforma o espaço em um útero de memórias; em outros, feixes recortam o corpo da atriz, sugerindo as fendas entre tempos e identidades. A luz não é ilustrativa, é narrativa: conduz o olhar e o ritmo interno do espetáculo, revelando o que a palavra apenas insinua.

As atuações de Lais Marques, Daniela Schitini e Mariana Muniz são o coração pulsante do espetáculo. As três artistas estabelecem um jogo cênico de grande precisão e entrega. Lais Marques revela uma presença madura e delicada, equilibrando contenção e emoção. Daniela Schitini, também autora da dramaturgia, constrói sua personagem com densidade e escuta, criando passagens sutis entre o texto poético e o gesto cotidiano. Mariana Muniz assume o desafio de encarnar as múltiplas vozes ancestrais com domínio técnico e sensibilidade, transitando entre idades, tempos e emoções sem perder o fio da coerência interna. O trio em cena dá corpo ao entrelaçamento das memórias femininas, criando uma rede viva de presenças que se refletem e se alimentam mutuamente.

A dramaturgia de Daniela Schitini é o eixo estrutural e poético da montagem. Seu texto constrói camadas de memória que se entrelaçam, revelando o que foi silenciado e o que persiste em ecoar. A escrita não se organiza de forma linear, mas por fluxos, como se as lembranças emergissem do inconsciente, ora nítidas, ora borradadas. Essa estrutura fragmentada confere ao espetáculo uma qualidade de sonho e deslocamento, em que o passado e o presente coexistem. Daniela articula a linguagem poética e o discurso emocional, transformando o texto em partitura de sensações. O resultado é uma dramaturgia que pensa o feminino não como tema, mas como forma: fluida, cíclica e múltipla.

A direção de Clara Carvalho é precisa, serena e profunda. Clara conduz a encenação com um rigor que nunca se torna rígido, permitindo que a delicadeza se impõnha como força. Sua mão firme organiza o fluxo de imagens e pausas, compondo uma narrativa visual em que cada gesto, cada silêncio e cada feixe de luz têm função expressiva. A diretora comprehende a dimensão espiritual do texto e a traduz em linguagem cénica, orquestrando os elementos com equilíbrio e inteligência.

Os figurinos de Marichelen Artisevskis reforçam a dimensão simbólica do espetáculo e dialogam com a dramaturgia visual. As cores terrosas que vestem a mulher em coma remetem à matéria e ao corpo, sugerem a ligação com o solo e com o peso da existência. Já os tons de azul que marcam a irmã e a presença ancestral evocam o elemento água, a espiritualidade e o trânsito entre planos. Essa paleta cromática cria um contraste visual que amplia a leitura simbólica da cena, fazendo com que o olhar do público se move entre o terreno e o etéreo, entre o que permanece e o que se dissolve. A trilha sonora de Ricardo Severo dialoga com essa proposta, criando uma paisagem sonora de ressonâncias aquáticas e ruídos internos, como se estivéssemos dentro da mente da protagonista.

O espetáculo não se limita a representar o feminino, mas o faz emergir como força ancestral e contínua. As figuras de mãe, avô e bisavô não são apenas personagens; são manifestações de uma herança coletiva, de uma sabedoria transmitida por gestos, silêncios e ausências. Essa construção visual e simbólica do feminino é o que dá à peça sua potência política e poética. A água, elemento recorrente, é metáfora do inconsciente e do dítero, espaço de origem e de esquecimento.

A força do feminino está ancorada na busca poética de Lais Marques, cuja idealização do projeto artístico se sustenta na urgência de revisitar as vozes que moldaram as mulheres de ontem e de hoje. Lais propõe um gesto de escavação e reconstrução, em que a cena se torna espelho e ferida. Seu olhar busca a delicadeza e a resistência silenciosa das mulheres que sustentam a vida com suas memórias, suas dores e sua força ancestral. Essa dimensão poética e investigativa perpassa toda a criação, imprimindo à obra um caráter ritualístico e profundamente humano.

A visualidade também estabelece uma relação imagética com a obra da fotógrafa Francesca Woodman ao explorar a fragilidade do corpo e a presença espectral da memória. Assim como Woodman investiga a identidade feminina em espaços vazios ou em metamorfoses corpóreas, o espetáculo utiliza o corpo da protagonista e das ancestrais para traduzir emoções e lembranças em imagens poéticas, evocando a sensação de transitoriedade, introspecção e desdobramentos identitários presentes nas fotografias de Woodman. Em ambos os casos, o corpo é ao mesmo tempo suporte e narrativa, e o invisível se torna tangível através do olhar, da sombra e da memória visual.

Em *Antes de Mim no Fundo*, a psique humana é lapidada metafóricamente como uma pedra submersa, polida pelo tempo e pela memória. O espetáculo mergulha nas camadas do inconsciente, revelando as fissuras e brilhos que compõem o interior das personagens. Cada gesto e cada silêncio funcionam como fragmentos de um espelho quebrado que reflete o que permanece escondido sob a superfície. Nesse processo, a psique se mostra não como algo a ser explicado, mas como território simbólico de descoberta, feito de sombras, lampejos e águas profundas.

O espetáculo convida o público a mergulhar nesse fundo simbólico, onde a ancestralidade feminina pulsa como força vital. Entre o sonho e a memória, *Antes de Mim no Fundo* se afirma como um rito de escuta e reconciliação com as vozes que o tempo tentou calar, mas que seguem reverberando no corpo das mulheres de ontem e de hoje.

CONCEPÇÃO GERAL: LAÍS MARQUES

ENSAIO ABERTO

+ BATE PAPO COM ARTISTAS CONVIDADAS

A obra como (s)obra: princípios e processos da criação teatral



28, 29 E 30 DE NOVEMBRO | 20H



Em 28 e 29 de novembro haverá tradução simultânea em Libras



TEATRO IRENE RAVACHE

(Rua Capote Valente - 667 | Pinheiros-SP)

GRÁTIS - RESERVAS SYMPLA (LINK NA BIO)

Apoio

Produção

Realização

Home | Pompeia | teatro | espetáculo | Senteacena – Pagu 3...

Senteacena – Pagu 360°

com Laís Marques

Pompeia

Duração: 60 minutos

14

teatro espetáculo

atividade presencial

R\$ 10,00
CREDENCIAL PLENA

R\$ 15,00
MEIA ENTRADA

R\$ 30,00
INTEIRA

Local: Galpão

Ingressos à venda online a partir do dia 4/7, às 17h, e nas bilheterias a partir do dia 5/7, às 17h

Datas e horários

18/07 • Terça • 18h00

Esgotado

18/07 • Terça • 20h00

Esgotado



Foto: Robson Catalunha

Compartilhe:

SENTEACENA – GIRA DE BIOTECNOLOGIAS DA CENA

Com idealização e curadoria de Robson Catalunha e Dodi Leal, SENTEACENA – GIRA DE BIOTECNOLOGIAS DA CENA ocupa o galpão do Sesc Pompeia com criações que rodopiam pelas encruzilhadas do teatro com o cinema, da performance com a dança, da instalação com a realidade virtual, a partir de múltiplas formas de ser/estar: obras-vidas situadas entre o território das realidades e virtualidades, que espreitam, interrogam e proporcionam formas de expectação autônomas, borrando as fronteiras entre “o lugar de onde se vê” e onde se é visto. Girando corpo e pensamento ao redor das obras, o projeto conta ainda com ovulários: encontros-incubadoras de ideias que buscam se distanciar dos *semen-ários* para criar rizomas entre teorias e práticas, tecnologias do afeto, artes da cena, da dança, da imagem, do som, da realidade

CLIPPING
SENTEACENA - GIRA DE BIOTECNOLOGIAS DA CENA PAGU 360°

Deus Ateu - crítica teatral | São Paulo (SP)
20 | julho

Link: <https://bit.ly/3DM8X9I>



Critica Teatral | Artes | Teatro | Palanilhas | Cultura & Sociedade | Cinema | Cores | Design | Dança | Streaming | Espaço para Artistas | Mônica | Galeria Digital | Poesia

O Estranho Prêmio Deus-Ateu de Teatro & Artes - 1º Edição

PAGU 360° [Especial SENTEACENA – GIRA DE BIOTECNOLOGIAS DA CENA] – Por Marcio Tito

Publicado em 20 de julho de 2023

Pesquisar
Procurar ...

Sobre-nos



Outro recorte dramalógico de Lais Marques e Robson Catalunha confirmando os acertos de Travéed elevam o espetáculo ao status de clássico para o formato – Pagu 360°.

Por Marcio Tito
@marciotitop

A tradição não é o culto das cinzas, mas a preservação do fogo – Gustav Mahler

A poesia perde muito de sua combinação quando encerra-se na experiência do papel. Ler poesia não acessa o poema. Ler poesia não nos faz saber, sentir ou vislutar o verso. O poema é uma enumera escrita, que sugere o som e exige enunciação, portanto, como parece óbvio – A poesia é mais intimamente aos expedientes teatrais e aos lugares das artes cênicas do que ao tempo da literatura. Contudo, por exigência da vida material e das formas que a humanaidade elaborou para dar conta do real, a poesia termina quase sempre escrava pela dimensão silenciosa de quem a contempla em livro. Sendo assim, impossibilidade de exercer sua máxima pulsão, a poesia muitas vezes se vê limitada pelo caráter solitário da leitura – gesto que, muitas vezes, apenas faz com que os olhos percorram o que há de estrutural no poema – ignorando quase que totalmente a dimensão sonora, cômica e melódica dessa poesia.

Outra poesia em um saraú ou no contexto de uma declamação não é hábito ou fato constante para boa parte da vida brasileira. Poesias gravadas em mídias auditivas e toda sorte de produções audiovisuaisimediatamente resolvem a dimensão do poema enquanto formalização do projeto poético, contudo, muitas vezes, também suprimem a figura retórica de quem declama e vive a dinâmica sensorial do verso. E é no contexto dessa lida e dessas soluções que o material Pagu 360° radicalmente se inscreve e apresenta positivo avanço para o formato.

Pagu 360°, em realidade virtual, dispõe sólidas conquistas neste entre-faltas outrora tomado quanto invincível distanciamento do formato. Fundindo textos, imagens e declamação, e extraiendo do material a própria dimensão imaterial do sentido subjetivo de um poema, Pagu 360°, em muita medida, parece ir além do extra-presencial.

Quando catalisa as imaginações que cercam a natural virtualidade de um poema aberto – como são os poemas virtuais e abertos os poemas que compõe a curadoria – o espetáculo comprehende qual o seu lugar de maior bom-gosto e direito.

Entre o audiovisual e as artes cênicas, não sendo inteiramente um e nem inteiramente o outro, mas também parecendo correr para além do próprio conceito de videarte, Pagu, dentro todos os materiais da trilogia, por de fato avançar dentro de um sistema e não apenas apresentar uma releitura acerca do que já está apresentado pelo teatro, parece verdadeiramente apresentar a melhor das aterrissagens da gira de biocena dirigida por Robson Catalunha e curada pela dupla Lidi Leal e Catalunha.

Outro ponto a ser explicitado, e que já se via em simétrica potência no contexto de Travéed, está na positiva equalização entre o teatro tradicional e os expedientes mediados pelo aparelho ocular responsável pelo ingresso da plateia na dimensão virtual. Trazendo o teatro vivo e palpável, e tornando a cena teatral tão sólida quanto o segundo movimento da montagem, Catalunha apresenta um valioso préstimo às mais especiais essências da cena – e parece inscrever-se como diretor junto àquilo que se fará de melhor num futuro próximo. Ao “estrear” na linguagem, curiosamente, Catalunha também estabelece um ponto de chegada – pois não me parece que o futuro possa encontrar potência mais sofisticadamente elegante do que uma cena capaz de fundir e colocar em diálogo estas duas manifestações e tecnologias cênicas tão largamente divididas por tantos e tantos milênios de tradição.

FICHA TÉCNICA

Concepção geral, direção, dramaturgia e atuação: Lais Marques | Assistência de criação: Victor Gaeté | Direção de obra em realidade virtual: Robson Catalunha | Projeção cênica: Lívia Guinardes | Trilha Sonora e operação: Pedro Semeghini | Desenho de luz: Aline Santini e Ricardo Barbosa | Figurino: Anna Cerutti | Captação de imagens: André Stefanó | Edição: Rodrigo Rizzioli | Designer gráfico: Véia Barbosa | Operação de luz: Ricardo Barbosa | Provação dramatográfica: Marina Corrêa | Consultoria em Direção de Arte: Simone Mina e Rick Nagash | Visagismo (montanha e mar): Emerson Muniz | Fotos: André Stefanó e Robson Catalunha | Voz off: Barbara Serra, Déjâphim Camarão, Dodi Leal, Giovanna Velasco, Hauane Onix, Jília Chaves, Larissa Lemos, Laura Carvalho, Malu Zancopé, Marília Adimy, Vera Bonilla | Idealização: Cadidilhão Prodções | Produção: Jack dos Santos e Letícia Alves | Direção de Produção: Gabi Gonçalves e Corpo Rastreado



Pesquisar no Facebook



ruína acesa

Ontem às 14:04 ·

...

#curtinhhas | "Pagu 360°", de @_laismarques_

@pagu_360 é prólogo imersão epílogo. nessa "parábola high-tech" de Laís Marques, um convite no palco-passarela a acompanhar uma Pagu em pleno voo, um panorama visto do alto; um jogo de ver Pagu, ver Laís, ver Pagu-Laís, ser visto vendo... nos movimentos da atriz um certo delay, uma dança quase-glitch, uma distorção entre a fala e sua tradução-transformação em gesto. a imersão da experiência aqui se dá pela tecnologia, pela realidade virtual; uma imersão distante da interatividade e de enquadramentos da ficção - o dispositivo é o óculos RV, ali dentro somos lançados ao 360° das vidas- obras de Patrícia Galvão. lugares e distâncias, imensidões e prisões; o infinito do mar e do céu-horizonte, o claustro da cela, uma praça-ágora entre duas arquibancadas onde ocupamos o centro. dessa "obravida imensa" de Pagu, Laís carrega como bolsa o livro de sua vida-obra e é isso que será aberto, em um recorte possível que produz fricções entre os tempos dela e os nossos; o que este recordar traz de novo, o que nele segue sustentado, o que dali ainda é voo. a luz em prólogo e epílogo é também corte e recorte, estilhaços no caminho branco, Pagu-Laís entre paredes projeções de escritos e traços. "Pagu 360°" é invocação plural, ficção de inovação, desejo de artista de construir pontes entre quem se foi e o que se fez e o que se é e o que se faz.



SENTEACENA

360°

PAGU 360° ESPETÁCULO HÍBRIDO EM REALIDADE VIRTUAL

Dias 18, 19, 20, 21 e 22
de julho | 18h e 20h

Sesc Pompeia

Rua Clélia, 93 - São Paulo
tel. +55 11 3871.7700

 /sescpompeia
sescsp.org.br

Sesc

A ficção contra tempos polarizados

Teatro. Grupo Razões Inversas estreia 'Heather', texto que embaralha identidades e apostava no debate ético do artista por trás da obra

Leandro Nunes

O esforço do dramaturgo inglês Thomas Eccleshare em descrever as paisagens do livro ficcional de *Heather* lembra o estilo dos autores de *Game of Thrones*, *O Senhor dos Anéis* e *Harry Potter*. Na trama da peça, que ganha temporada hoje no Sesc Pinheiros, há muitos mistérios a se descobrir até a última cena.

Na verdade, a tônica de “não se deve julgar um livro pela capa” pode ajudar a plateia a percorrer a dramaturgia encenada pelo grupo Razões Inversas, na direção de Marcio Aurelio. A obra experimentou apenas duas apresentações na programação do Cultura Inglesa Festival 2019. Faltava agora entrar em temporada.

Nesse intervalo, não apenas as obras ganham tempo para amadurecer, mas seus artistas também conseguem ajustar o olhar, que parte da história e toca a realidade. O que a atriz Laís Marques vê é o desafio. “O teatro sempre esteve interessado em embaralhar as coisas, confundir. Nesse mundo polarizado que atinge a todos nós, a peça responde oferecendo a transformação”, conta a atriz que compartilha o palco com Paulo Marcello.

Mistério.
Laís
Marques
e Paulo
Marcello



JOÃO CALDAS/FI

E as mudanças estão lá. Dividida em três narrativas, a peça de Eccleshare pretende sabotear o texto falado em diferentes instâncias, o que permite ofuscar e esconder quem está falando. Na primeira parte, uma autora conversa com o responsável pela edição de seu livro in-

fantjuvenil. A conversa é de entusiasmo, já que a obra de estreia da autora foi devorada pelo público e eles querem mais. Trata-se da saga de Greta, uma heroína que tem como inimiga uma criatura horrenda. Suas batalhas têm dimensões épicas.

É possível prever que a últi-

ma cena da peça descreve o embate entre as forças do bem e do mal, mas antes que isso ocorra, o texto questiona qualquer visão mais radical da vida, afirma a atriz. “Antes que o público tenha acesso à narrativa, o encontro entre o editor e a autora é de muito estranhamento.”

A explicação é clara. A autora vive reclusa e deseja que as negociações pelo título ocorram exclusivamente por e-mail. “A primeira cena descreve essa conversa online entre os dois. É preciso ficar atento porque eles não são quem dizem ser. E isso cria uma reviravolta na história”, diz Laís.

Quando a reportagem entrevistou Aurelio, na estreia de *Heather*, em maio, o diretor explicou que Eccleshare deseja debater um assunto antigo, sobre a natureza da criação artística e a identidade do criador. “Ele recupera um pensamento do poeta italiano Torquato Tasso, do século 16, sobre a propriedade de uma obra. Quem é o dono? O autor ou o financiador?” “Nos dias de hoje, com os incontáveis agentes envolvidos na criação, a equação não é nada simples”, afirmou.

É um debate ético com bastante apelo. Trata-se de algo que não atinge apenas os autores. Artistas da música e do cinema precisam enfrentar a crítica dos fãs por suas más condutas. Denúncias e crimes são capazes de arruinar carreiras públicas. Todos perdem. “Essa ideia de quem é o artista por trás da obra pode assustar. O que fazer? Cancelar tudo que ele criou? Há caminhos para que ele possa se redimir?”, questiona a atriz.

Serviço

HEATHER
SESC PINHEIROS, RUA PAES LEME, 195.
TEL: 3095-9400. 5^a, 6^a, SÁB., 20H30. R\$ 30 / R\$ 15. ESTREIA HOJE, 17. ATÉ 16/11

Teatro Estreia

Leandro Nunes

Adentrar a sala de ensaio de qualquer artista experiente é estar entre a fascinação do bastidor e a percepção do inconveniente. A longa experiência de diretores teatrais, como Marcio Aurelio, costuma ser construída durante meses no subterrâneo, para criar uma única obra. Na contramão de políticos e influenciadores digitais do País, não há selfies ou transmissões ao vivo que deem conta da construção de um trabalho que nasce para ser público. Assim, não há como antecipar aplausos para uma sala de ensaio.

Heather, espetáculo que estreia neste sábado, 1º, no Teatro Cultura Inglesa, trata das mesmas brechas e segredos dos bastidores. A peça dirigida por Marcio Aurelio faz uma interessante incursão no texto do dramaturgo inglês Thomas Eccleshare, com a Cia Razões Inversas.

A primeira vista, é preciso apenas dizer que a peça investiga os conflitos entre artistas, suas obras e recepção do público. "A história é sobre uma escritora de livros infantil juvenil que vive reclusa. Sua relação com o editor muda diante do sucesso das publicações", aponta o diretor.

O velho ditado de não se julgar um livro pela capa perde sentido aqui quando escândalos envolvendo os autores colocam suas obras contra a parede. Não faltam exemplos. Por outro lado, os bastidores nunca foram tão fascinantes para os fãs.

No caso da literatura, essa sensação pode ser menos espetacular. A rotina de escritores não é glamourosa e, como no teatro, não nasceu para a tela dos celulares. Mas nada disso garante sossego, por exemplo, ao autor de *Game of Thrones*. A ameaça de que George R.R. Martin não consiga terminar sua saga de gelo e fogo, por questões de saúde, criou nos fãs o pavor de que o portal da fantasia possa se fechar para sempre, ou como quando Harry Potter dá de cara com a parede dura da Plataforma 9 1/4. "A própria escritora J. K. Rowling passou por essa

Letras.
Direção de
Marcio
Aurelio,
com Laís
Marques
e Paulo
Marcello



Sombras do autor

Na peça 'Heather', julgar um livro pela capa pode ser tão perigoso quanto descobrir os segredos de um escritor

pressão e perseguição por parte dos fãs quando sua saga começou a dar certo. Eles querem sempre mais", lembra a atriz Laís Marques, que vive a personagem-título da peça. "Por um tempo, ela até chegou a usar pseudônimos, mas eles foram sendo descobertos um a um."

É nesse intervalo entre a forma dos fãs e a vontade de camouflar identidades que o texto de Eccleshare se apoia. Ele cria um tipo de suspense cheio de pistas falsas que servem como grandes surpresas na encenação de Aurelio. O diretor segue

a pesquisa iniciada lá no início da companhia Razões Inversas, em 1990, mas é *Agreste* (2004) que vem à mente do ator Paulo Marcello, que interpreta o editor das publicações de *Heather*. "Desde o início, não queríamos representar personagens. Isso é muito difícil de conseguir, sem fugir da história ou das características do texto." Em *Agreste*, ele esteve no palco ao lado de João Carlos Andreazza, na peça de Newton Moreno, no papel de um – diferente – casal de lavradores. "No fim da peça, muitas pessoas ficavam chocadas com a revelação trazida na identidade do casal", explica. "O texto de Eccleshare", ele justifica, "nos permite um intercâmbio muito interessante entre personagens e estilos de texto."

No ensaio acompanhado pela reportagem, *Heather* não foge de uma história que pode ser perfeitamente real e apostila em um estilo de dramaturgia dividido em blocos. Para Aurelio, trata-se de uma escrita que "tem uma retórica autônoma". "Na primeira parte, acompanhamos a conversa da escritora e do editor, a seguir eles se conhe-

cem pessoalmente e, na última parte, testemunhamos um trecho do livro inédito. É pura imaginação."

Defato, é impossível não lembrar dos capítulos mágicos de Harry Potter, com batalhas de varinhas, faíscas metálicas voando e destruição ao redor (*leia abaixo*). Láis sugere ao público atenção a todos os detalhes, até mesmo ao trecho de caráter mais narrativo e de invenção ficcional. "É como estar na cabeça de um artista e compreender suas motivações e para onde seus sentimentos apontam, mesmo que seja para as sombras. Pode não ser muito agradável, mas é uma saída."

HEATHER
Teatro Cultura Inglesa.
R. Dep. Lacerda, 333. Tel.: 3032-4888. Sáb., 21h, dom., 19h. Estreia hoje, 1º. Até 2/6. Grátis.

'O teatro não se pega em uma estante'

Diretor de 'Heather', Marcio Aurelio aponta que o caminho do teatro ultrapassa as palavras e é mais corrosivo que elas

Ner Muller (dramaturgo alemão), por exemplo, percebemos que é preciso demolir um texto ou você fará um arremedo de teatro."

A afirmação que é o terror dos dramaturgos ganha outras compreensões nas mãos do diretor. Ele usa com exemplo *O Auto da Compadecida*. "Na história, as personagens se relacionavam com a ficção e acabavam interferindo na realidade." Esse movimento na cena é o que está no imaginário do artista formado em biblioteconomia e nascido em Piraju, em 1948. "Não se trata de dizer um texto,



Na cena. Encenador dirige a Cia Razões Inversas

ou perseguir suas intenções. Uma peça precisa criar estadios. No inicio não tem nada, mas ao poucos vai se elaborando", continua. "Não é na estante que o público vai buscar uma peça. É no teatro."

Em *Heather*, o diretor transmite seu prazer no texto de Eccleshare. "O autor recupera um pensamento do poeta italiano Torquato Tasso, no século 16, sobre a propriedade de uma obra. Quem é o dono? O autor ou o financiador?" Nos dias de hoje, com os incontáveis agentes envolvidos na criação, a equação não é nada simples. "A ambiguidade do texto vai exigir das personagens uma postura que atingira tanto o que há de mais trágico na vida quanto aquelas ideias consideradas simples ou inocentes. Palavras que cabem num livro." /LN.

"Você devia saber melhor que ninguém. Greta, que a morte não é tão simples assim..."

Desde a primeira vez que nos vimos, nos corredores da Loja de Relógios do Rossini. Você sabia, eu tô viva, Greta, porque eu vivo em você. Eu existo porque eu existo em você. Você acha que é uma coincidência que eu tenha uma caneta igual a sua? Acha que é coincidência termos nos conhecido um dia depois do seu pai ter morrido? No dia que você herdou a Caneta da Necromante. Greta, eu sou sua... SOMBRA!"



O QUE FAZER



ARTES CÊNICAS - TEATRO

TIPO



OFICINA DE PRÁTICA TEATRAL: ESTUDOS DA PRESENÇA

18

Coordenação: Laís Marques

ONDE



- ALFREDO VOLPI
- MAESTRO JUAN SERRANO
- OSWALD DE ANDRADE
- INTERIOR

A oficina ministrada por Laís Marques, atriz da peça "Heather", da Cia Razões Inversas, terá como eixo a fricção entre Palavra, Corpo, Espaço e Tempo, a partir de exercícios, jogos e dispositivos de composição para a criação das cenas. O Sistema dos Viewpoints é utilizado como princípio metodológico, propiciando a conexão entre a intuição individual e a escuta coletiva, a partir de estruturas simples, advindas da Improvisação. Ao longo dos encontros, um vocabulário comum ampliará as percepções direcionando as composições realizadas nas fronteiras entre Teatro, Dança e Performance.

OSWALD DE ANDRADE

03/04 a 05/04

14h às 18h

INSCREVA-SE

EXIBIÇÃO ON-LINE DA PEÇA: HEATHER

Com Cia Razões
Inversas e Lais
Marques

**Estreia:
31/03**

sexta-feira
às 21h



@oficinasulturaisdoestadodesp

OC



OFICINA CULTURAL OSWALD DE ANDRADE

Idealização e produção da peça-filme “O viajante” (EDITAL PROAC EXPRESSO N° 03/2021 - #CULTURAEMCASA, proponente: Walter Breda).



COMPROVANTES

Idealização, Produção e Atuação em “Lágrimas Fritas, uma peça-filme”
EDITAL PROAC EXPRESSO LEI ALDIR BLANC nº 36/2020



Idealização, Atuação e Produção da web série #microfabulosas

PRÊMIO FUNARTE RESPIRARTE, 2020

EDITAL PROAC EXPRESSO LEI ALDIR BLANC N° 41/2020



Idealização, apresentação e produção: “LIVES – artistas da cena e o ambiente virtual”
Lei Aldir Blanc (Inciso II), 2021



Performance em Flash mob nas dependências do Metrô realizada com 200 funcionários, 2018.



Evento de celebração dos 50 anos do Metrô de São Paulo (<http://viatrolebus.com.br/2018/04/evento-de-celebracao-dos-50-anos-do-metro-de-sao-paulo/>)

AUTOR: CAIO LOBO (<http://VIATROLEBUS.COM.BR/AUTHOR/CAIO-LOBO/>) | ABRI, 2018

Companhia do Metropolitano de São Paulo, ou apenas o Metrô, como é conhecido popularmente, completa 50 anos de fundação nesta terça-feira, 24/04, esquentando seus usuários com uma série de ações culturais e artísticas, além do lançamento de novidades que vão marcar o meio século de vida do meio de transporte preferido dos paulistanos.

todo começará na estação Barra Funda, às 7h, quando os passageiros serão surpreendidos com uma ação dos metroviários em agradecimento e homenagem queles que colaboraram diariamente para o crescimento da empresa: os mais de 4 milhões de usuários das 5 linhas operadas pela Companhia. Às 13h30, o pradoceimento acontecerá na estação Campo Limpo da Linha 5-Lilás, seguida por Vila Madalena da Linha 2-Verde e Jabaquara da Linha 1-Azul, às 14h30; e Tatuapé da 3-Vermelha, às 15h. O grande encerramento será às 16h00 na estação Sé com a participação de mais de 300 metroviários.

as festividades seguirão, desta vez concentradas na estação Sé, com o lançamento do novo uniforme dos funcionários da operação e agentes de segurança, do iherete comemorativo que será vendido exclusivamente nas máquinas de venda automática e de uma nova loja de produtos licenciados com a marca Metrô.

Grupo OPOVOEMPÉ "Pausa para respirar" | Sesc Santo Amaro| 2019

Grupo OPOVOEMPÉ "Pausa para respirar" | Sesc Consolação | 2019

The screenshot shows the Sesc website's news section. The headline reads 'OdontoSesc marca presença no 37º CIOSP'. Below it, there is a detailed description of the event, including dates (from April 23 to April 26), times (from 10:00 to 20:00), and specific activities like 'Visita à unidade móvel do OdontoSesc' and 'Palestra "Microbiomas e saúde bucal: estudo de caso"'. There are also links to the program schedule and a contact form.

Foto: Caio Lobo (VIATROLEBUS.COM.BR/AUTHOR/CAIO-LOBO/) - Abri, 2018

Para marcar seus 50 anos de existência, o Odontológico selecionou entre os dias 23 ao dia 26 de fevereiro no Congresso International do Odontológico de São Paulo - Cisp. A Unidade móvel esteve no stand da Biofach que participa da 37ª edição do evento apresentando ao público a Unidade Móvel do projeto, com curta palestra sobre a importância da higiene bucal e alimentação saudável e outras atrações.

O Congresso do Odontólogo é uma importante atração de palestras de excelência, realizadas por especialistas em prevenção, higiene e odontologia envolvendo estomatologia. O Congresso oferece palestras, cursos e atividades científicas, além de uma feira de negócios.

A participação do Sesc tem como objetivo mostrar o trabalho que a entidade desenvolve na área de saúde bucal, com ações voltadas para a promoção da saúde bucal, a prevenção e o tratamento de doenças bucais, bem como a realização de ações de extensão e extensão social, sempre com foco no bem-estar da comunidade. O projeto é resultado das ações realizadas entre o Odontológico, com o apoio de 100 clínicas em todo o país, e a participação direta nos 50 estados nacionais do Brasil, com o objetivo de trazerem diferentes clínicas, como também de setores educacionais voltados para a promoção e a atenção ao usuário brasileiro.

Dia 30/1

10h às 20h – Visita à unidade móvel do OdontoSesc.

10h às 20h – Casas de Convales.

11h às 12h15 – “OdontoSesc: 20 anos de projeto, com unidades móveis, ajudando o Brasil a Sorrir”, com Maria Silvia Naciso, Vitor Fonseca, e Víctor Coutinho, Odontólogos Sanitaristas do Departamento Nacional do Sesc e Jair Souza Menezes Jr., cirurgião-dentista, assistente da Gerência de Saúde e Odontologia do Sesc em São Paulo.

12h às 14h – Micromomentos Poéticos, com Daniel Vianel.

12h às 14h – Intervenção “Máscaras para Conversar”, com Cia. do Núcleo.

15h às 15h45 – Intervenção “Pausa Para Respirar”, com o grupo OPOVOEMPÉ.

16h às 16h45 – “Acolhimento e segurança nos projetos arquitetônicos das clínicas odontológicas do Sesc: a ‘Matriz de sustentabilidade do Projeto OdontoSesc’, com Maria Silvia Naciso, Odontólogo Sanitário da Departamento Nacional do Sesc e Jair Souza Menezes Jr., cirurgião-dentista, assistente da Gerência de Saúde e Odontologia do Sesc em São Paulo.

17h às 17h45 – Percussão Corporal e Capoeira do Sesc Consolação.

18h às 18h45 – Artescênia do Bem-Viver, com a Cia. Cia de Teatro.

• <https://www.sesc.com.br/portal/noticias/saude/ciosp>

Grupo OPOVOEMPÉ "Nós, os animais" | Sesc Pinheiros | 2019

The screenshot shows the Sesc website's news section. The headline reads 'Nós, os animais' | Sesc Pinheiros | 2019'. Below it, there is a detailed description of the event, including dates (from April 22 to April 23), times (from 10:00 to 19:00), and specific activities like 'Criança', 'Circo', and 'Mundo Humano'. There are also links to download materials and a contact form.



Da Literatura ao Teatro: Processos de Transcrição - Teatro - Campinas - Cursos - Sesc SP

SESC SP



TEATRO
Da Literatura ao Teatro: Processos de Transcrição

Classificação etária: Acima de 18 anos

Sesc Campinas [ver no mapa](#)

28/04 A
29/04
Grátis

Disponível

SAB, DOM
13H ÁS
18H

Oficina “Da Literatura ao Teatro – processos de transcrição”
SESC Campinas, abril, 2018

Com Laís Marques, atriz da peça Sala dos Professores, da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico. Com base em fragmentos literários previamente selecionados pelo grupo, alguns experimentos cênicos serão explorados, a partir da fricção entre a palavra e o corpo. Ao longo dos encontros busca-se uma ampliação da capacidade de criação na fronteira entre literatura e teatro.

Local: Sala de Múltiplo Uso 2
Inscrições na Central de Atendimento a partir do dia 3 para credencial plena e dia 6 para demais interessados.

(Foto: João Caldas)

Grupo OPOVOEMPÉ “Pequena viagem de gigantes exploradores em busca de memórias e do esquecimento” | Sesc Avenida Paulista, 2019

<https://www.instagram.com/p/BzlWL5LnnWH/>



Grupo OPOVOEMPÉ: “Pausa para respirar”

Expo Center Norte, 2019

<https://www.instagram.com/p/B3CldgandCd/>



Espetáculo “Esquisitos”
Coletivo Zarpar,
Teatro Alfredo Mesquita, 2019

<https://guia.folha.uol.com.br/crianca/2019/06/peca-da-cia-la-leche-induz-criancas-a-questionarem-a-sociedade.shtml>

A screenshot of a news article from Folha UOL. The title of the article is 'Nô Stopa em cena da peça, quando interpreta a mãe de Buda' by Rodrigo Capote/Folhapress. Below the title, there is a small image of a person in costume. The main text of the article discusses the play 'Esquisitos' and its inspiration from Tim Burton's book 'O Triste Fim do Pequeno Menino Ostra e Outras Histórias'. The article also mentions the venue, Teatro Alfredo Mesquita, and provides contact information.

